

12-01-2022

AGROECOLOGIA X AGRONEGÓCIO

Aline de Fátima Marques

[Mestra em Geografia (UEG) – Grupo Dona Alzira]

Vive-se tempos de tensão e acirramento político no país.

Nessa circunstância, o Cerrado clama por socorro.

Aliás, grita, vocifera. O agronegócio monopolizou grandes proporções deste Bioma-território. Ingrediente das elites brasileiras, os atores do agronegócio insistem em ações que geram concentração econômica, desigualdade social e predação ambiental. Mas esses atores não estão sós.

Em parceria com o presidente, com o governador e com seus seguidores, a estratégia monopolizadora possui uma arquitetura abrangente. Enquanto isso, o Brasil sofre com o avanço da barbárie, da fome, do desemprego estrutural, do aumento da violência, da destruição do ambiente e dos Biomas. Em contrapartida ao projeto de morte promovido pelas elites, há a resistência popular e a luta por um Brasil justo, diverso e saudável. Povos, movimentos sociais diversos, sindicatos, coletivos, redes, fóruns e articulações, urbanas e camponesas se unem ao MST-Movimento Sem Terra na luta contra a violência hegemônica do Agronegócio.

É fundamental derrotar o fascismo e resistir ao açodado modo de produção capitalista – isso é o que defende o arco da resistência. Em Goiás, o agronegócio sequestrou o Estado e o bioma-território Cerrado, no intuito de favorecer os interesses do capital nacional e internacional.

A destruição ambiental avança largamente com o desmatamento em várias partes do território goiano; com a exploração desenfreada e envenenamento dos bens hídricos.

A soberania alimentar está seriamente comprometida.

A produção diversificada na agroecologia, como a do arroz, mandioca, feijão, alho, hortifrutis, dentre outros alimentos, foi substituída pela monocultura do agronegócio, a partir da soja, milho e cana-de-açúcar. Esse modelo destruidor das forças humanas e ambientais é fielmente representado por atuais políticos de direita. Pode-se dizer: o agronegócio tem lado, o mesmo lado da destruição da vida.

O Estado de Goiás tem sua história voltada à cultura camponesa; tem marcas de lutas pela reforma agrária e, daí, manchas de sangue derramadas pela defesa da vida, pelo direito de produzir alimentos saudáveis; pela luta quilombola e indígena. A classe camponesa resistiu aos coronéis e resiste ao avanço do agronegócio produzindo grande parte do que está no prato do povo goiano hoje.

Diante da conjuntura nacional e da importância histórica da produção camponesa, os goianos e demais homens e mulheres de outras regiões lutam há 37 anos para ver a terra democratizada em Goiás. Famílias camponesas e de agregados; de meeiros e de assentados; e sujeitos de luta acampados buscam produzir alimentos saudáveis, baseando-se nos princípios éticos e nos fundamentos do cuidado do solo mediante a agroecologia. Lutam também para tornar esses alimentos acessíveis ao maior número possível de famílias trabalhadoras. Entendem que o prato não pode estar vazio, menos ainda intoxicado de veneno. A alimentação saudável é a base da saúde, de um modo de vida digno, de um corpo democrático e alegre. O alimento é o combustível do motor humano: ele está inserido no contexto social, cultural e ambiental. Alimentando, percebe-se que todos dependem do trabalho de outras pessoas, dependem do milagre do solo e das chuvas. Neste contexto, em um diálogo espontâneo de Eguimar Chaveiro, professor da Universidade Federal de Goiás e José Henrique Stacciarini, professor da Universidade Federal de Catalão/GO, está dito que *“o que nós comemos vem das mãos de alguém que plantou e do suor do trabalho do corpo inteiro; dessa pessoa que aprendeu com o outro o momento de plantar... mas vem também da chuva e da benevolência do solo, este, o solo, vem das rochas”*. O professor José Henrique complementa a reflexão sobre a origem do alimento: *“ele vem da geologia, mas a semente não fecundaria se não houvessem as bactérias, os vermes, a partir dos quais é possível haver a fertilidade do solo. Os micro organismos são, portanto, parceiros, do solo e do que comemos”*.

Quando nos alimentamos, segundo Chaveiro e Stacciarini, nos alimentamos também das contribuições das chuvas, do solo, dos micro-organismos, da semente e do suor dos camponeses. Ingerimos essa partilha e essa espetacular comunicação do macrouniverso ao microuniverso.

“Quando colocamos uma colher de arroz e feijão na boca, podemos dar a esse ato um sentido sagrado, pois é o universo inteiro com o suor do trabalhador que chegam ao estômago” – diz Chaveiro. Estimado(a) leitor(a), com base no texto *A Hegemonia Predatória e a Produção de Alimentos*, de Eguimar Chaveiro, finalizo com a pergunta reflexiva: por que a fome cresce no mesmo compasso do Agronegócio, considerando a produção sustentada por inovações científicas e tecnológicas e a internacionalização dos alimentos? Essa é a lógica predatória. E dela vem a nossa indignação; deve vir também a nossa união, a nossa força, a nossa coragem.

■ ■ ■

Referência

Chaveiro EF. A HEGEMONIA PREDATÓRIA E A PRODUÇÃO DE ALIMENTOS: o contraponto da saúde. In: Mizusaki MY, Roma CM, Vieira AB (Org.) QUESTÃO AGRÁRIA E PRÁXIS SOCIAL NO SÉCULO XXI: impasses, desafios e perspectivas. 1ed. Curitiba: CRV, 2021.

OBS. Os textos expressam a opinião de seus autores, não necessariamente coincidente com a dos coordenadores do Blog e dos participantes do Fórum Intersindical. A cada reunião ordinária, os textos da Coluna Opinião do mês são debatidos, suscitando divergências e provocando reflexões, na perspectiva de uma arena democrática, criativa e coletiva de encontros de ideias em prol da saúde dos trabalhadores.